

Europa pessimista com renegociação da dívida

Externo

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — A imagem de indecisão, improvisação e divergências no interior da equipe econômica do governo brasileiro está-se propagando rapidamente junto aos meios financeiros europeus. Por essa razão, essas áreas não camuflam seu pessimismo em relação a uma boa renegociação da dívida brasileira junto aos bancos comerciais, após o governo ter obtido um "sursis" de seis meses junto a seus credores do Clube de Paris.

Os aspectos positivos da negociação com o Clube de Paris — um acordo foi obtido sem o aval do FMI — poderão desaparecer diante das informações originárias do Brasil e publicadas não apenas por órgãos especializados, mas também pelos da chamada grande imprensa da França, Alemanha Ocidental, Suíça e Grã-Bretanha.

Ainda ontem, o vespertino *Le Monde* traçou um quadro pessimista da mais recente evolução econômica e social no País, lembrando que "ortodoxias opostas se afron-

tam no interior da equipe dirigente, constatando-se que os economistas estão em desacordo entre si e os homens políticos com esses últimos".

Mesmo o êxito do acordo com o Clube de Paris, saudado como uma grande vitória pelo governo brasileiro, está sendo redimensionado por aqui. Lembra-se que poucos dias depois da reunião no Hotel Majestic, o Clube de Paris renegociou parcialmente a dívida das Filipinas, cerca de um bilhão de dólares, em condições mais favoráveis.

Ao invés dos vencimentos de seis meses de 1987 reescalonados com o Brasil, o clube renegociou os vencimentos dos próximos 18 meses, num prazo de dez anos com cinco de carência, contra seis anos com três de carência da negociação brasileira.

Do ponto de vista estritamente político, comenta-se a queda de popularidade do governo, após o malogro do Plano Cruzado II. O Brasil é definido como o país do "tudo ou nada" ou do "oito ou oitenta", pois há alguns meses o presidente José Sarney reunia mais de 80 pontos de

popularidade, conduzia o seu partido, o PMDB, a uma vitória esmagadora.

No início da semana, o chefe de Estado e seus ministros foram obrigados a entrar pelos fundos do Congresso Nacional para livrar-se de uma imensa vala que manifestantes concentrados junto a porta principal lhe preparavam.

A ameaça do presidente da Fiesp, Mário Amato, de "desobediência civil", é também comentada na Europa. Na verdade, essa desobediência já começou, mesmo que o governo não tenha admitido, agindo como se o Plano Cruzado ainda existisse.

Em matéria de imagem econômica externa, a brasileira volta a se deteriorar após um período favorável que correspondeu à primeira fase do Plano Cruzado, responsável pela sustação da chamada inflação inercial, que se desenvolvia geometricamente. A ausência de medidas de acompanhamento em razão de problemas político-eleitorais teria comprometido o plano e relançado o fantasma inflacionário.